

## Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Folha de S. Paulo

Class.: Direitos Humanos

Data: 25/02/93

Pg.: 1-3 DINRO0210

### As marcas de Caim

ROBERTO ROMANO

A imprensa presta outro relevante serviço público, noticiando o lançamento do relatório sobre a violação dos direitos humanos dos povos indígenas. O texto foi elaborado pela Anistia Internacional. Nele surgem os signos mais cruéis de nossa cultura "cristã". O assunto merece destaque.

No século 18, Denis Diderot narra um caso instrutivo. Durante o parto, certa índia jovem mata sua filha, cortando o cordão umbilical muito cedo. Um jesuíta condena: "Pecado contra as leis divinas". Agonizando, a mulher contalhe a própria sorte, a ser partilhada pela sua possível herdeira: fome, brutalidade, serviço eterno, velhice e fim prematuros. Com o aborto, suprimia-se uma desgraça, nada mais. O relato do enciclopedista, defensor do sexo feminino e dos silvícolas, começa deste modo: "Se o destino das mulheres nas cidades é atroz, ele piora nas florestas".

Esse drama ainda persiste. O suicídio coletivo de indígenas, em nossos dias, é prova do mesmo desespero. A vida humana vale quase nada em nossas cidades. É fácil prever o que se passa na solidão do mato. O morticínio de crianças, nas grandes urbes causa indiferença. Mas pessoas que durante 500 anos foram reduzidas a bicho, atração turística, são enterradas por um silêncio obscuro.

O descaso dos governos, o desprezo que vastas camadas populares nutrem pelos indígenas, tudo isto faz recordar origens históricas e doutrinais. Desde o século 16 pelo menos, desenvolveuse na consciência ocidental um complexo de certezas genocidas. Os estranhos às práticas e crenças cristãs foram considerados como demônios ou inferiores. Os judeus, depois os índios, mais tarde os negros...

Tomemos apenas o exemplo da filosofia. Segundo Imanuel Kant, "os negros são desprovidos, pela natureza, de sentimento. Eles são vaidosos e tagarelas, só podendo ser dispersados

com bastonadas". Sem comentários. No século 19, assim falava Hegel: "O negro representa o homem natural com toda selvageria. Para compreendê-lo, precisamos esquecer qualquer respeito e moralidade. Nada encontramos, no caráter do negro, que lembre o homem. Os extensos relatos dos missionários confirmam isto plenamente". E quanto aos índios? Hegel concorda: os europeus lhes ensinaram "certas artes" mortíferas, como a de beber cachaça. "No Sul, os indígenas foram tratados mais brutalmente (...) a mansidão, a carência de esforço próprio, a humildade e a submissão rastejante (...) este é o caráter principal dos índios americanos. Será preciso ainda muito tempo para que o europeu lhes forneça um pouco de dignidade pessoal. A inferioridade destes indivíduos atinge tudo, até mesmo sua altura...". Um etnocentrismo abjeto, assim, deve ser distinguido da filosofia, em Hegel.

Católicos e protestantes se irmanam para destruir as culturas alheias. Heróis como Las Casas só atenuam a má consciência "cristã". Os colonos cobiam ouro, prata, pedras preciosas, corpos escravos. Juristas e teólogos erguem-se contra eles. Monarcas tentam abolir o horror. Suas ordens são burladas pelos pretensos súditos. Os indígenas perderam terras, bens, deuses, vestes, rostos. Hoje, a Anistia Internacional mostra que ainda continua esta crônica de peste e rapina. Por ouro, prata, pedras, drogas índios são mortos pelos garimpeiros e capangas.

Os Estados americanos, ou não têm plena soberania sobre seus territórios, ou colaboram para o genocídio. Resgatando parte de sua culpa, as igrejas

tentam barrar o morticínio. Suas forças são pequenas, diante dos interesses em jogo. O tráfico de cocaína, de minerais preciosos, de corpos humanos precisa ser detido pelo Estado, com armas e lei. Porque o Estado é a soma de todos nós. Enquanto sujeito coletivo, somos os autênticos sentinelas das tribos que habitam nas selvas, e das crianças que vagueiam em nossas calçadas. Garimpeiros, policiais corrompidos, políticos venais, traficantes, todos eles aproveitaram nossas idéias etnocêntricas, prosperaram com nosso medo.

O lucro segue para quem se apossa das riquezas, invadindo territórios indígenas ou desafiando mesmo as Forças Armadas, guardiãs da soberania nacional. Mas a culpa ética recai sobre todos os cidadãos. Judeus, árabes, negros, índios, integram a nossa fraternidade. Qualquer indivíduo que ler o Relatório da Anistia Internacional e tiver a

vileza de se declarar "neutro", deve abrir o Livro Sagrado. "O Senhor disse a Caim: onde está Abel, teu irmão? E Caim respondeu: serei, por acaso, responsável por ele?". A guarda dos indígenas foi-nos confiada por Deus e pela Carta Magna. Enquanto mantivermos silêncio face ao extermínio que hoje se recorda, persistirá em nosso rosto a marca de Caim. Preservemos os direitos das gentes, dos meninos de rua aos filhos das selvas. É digno de louvor o Relatório da Anistia. Este organismo eleva a consciência humana neste pandemônio branco, vil e traiçoeiro, chamado América.

ROBERTO ROMANO, 46, filósofo, é professor titular de filosofia política da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

*A vida humana vale quase nada em nossas cidades; é fácil prever o que se passa na solidão do mato*